

---

## O falso como vírus: uma epidemiologia semiótica \*

Massimo Leone<sup>i</sup>

---

**Resumo:** O “falso” é um elemento central nas ciências naturais, nas ciências sociais e nas humanidades. Também é fundamental na sociedade, na economia, na política e no direito. Em última análise, é a principal força por trás da criatividade e fantasia dos artistas. Muitos estudos e investigações foram dedicados ao falso. No entanto, as novas tecnologias de comunicação digital estão mudando drasticamente o cenário. Alguns dos fenômenos mais perturbadores das sociedades modernas, da “pós-verdade” (*post-truth*) às notícias falsas (*fake news*), das teorias da conspiração ao “falso profundo” (*deep fake*), originam-se na encruzilhada entre as invenções tradicionais e os novos simulacros. Abordagens convencionais para verdade e falsidade, autenticidade e simulação, fato e ficção são cada vez mais insuficientes para lidar com os novos híbridos da comunicação digital. Uma sinergia sem precedentes entre as ciências naturais e sociais, acadêmicas e partes interessadas da sociedade, pesquisadores e artistas é necessária para avaliar o papel mutável da falsificação nas sociedades contemporâneas. O artigo propõe um novo quadro de epidemiologia semiótica da cultura para o estudo do falso nas sociedades digitais contemporâneas.

**Palavras-chave:** falso; semiótica; vírus; epidemiologia da cultura.

---

---

\* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2022.198586>. Uma versão anterior deste texto, em espanhol, foi apresentada como uma conferência plenária do congresso “Pensando o presente”, de 18 a 20 de maio de 2021, Universidade Nacional de Cuyo, Mendoza, Argentina; agradeço muito à Profa. Mirtha S. Rodríguez de Grzona pela oportunidade

<sup>i</sup> Professor titular da Universidade de Turim (UNITO), Turim, Itália; Professor associado da Universidade de Xangai (SHU), Xangai, China. E-mail: [massimo.leone@unito.it](mailto:massimo.leone@unito.it). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8144-4337>.

“[...] A verdade cuja mãe é história, emula do tempo, depósito das ações, testemunho do passado, exemplo e advertência do presente, advertência do que está por vir.”

Miguel de Cervantes Saavedra, *Dom Quixote de la Mancha*, primeira parte, nono capítulo [1605-1614]; e Jorge Luis Borges, “Pierre Menard, autor de Dom Quixote”, *Ficciones* [1944].

## Introdução: fenomenologia do presente e semiótica do falso

**A** construção da identidade no tempo presente está relacionada de várias maneiras com um tema central para a filosofia, a filosofia da linguagem e a semiótica, ou seja, o falso. Perceber o presente, apreendê-lo, conceituá-lo e interpretá-lo é cultivar suas fronteiras. Esses são limites de vários tipos, mas dois são filosoficamente fundamentais. Em primeiro lugar, a fronteira ontológica: devemos separar o presente do que não é mais — ou seja, o passado — e do que ainda não é — ou seja, o futuro. Em segundo lugar, a fronteira epistemológica: é preciso separar a identidade presente da alucinação traumática — ou seja, a invasão de supostas imagens do passado — e dela a alucinação maníaca — ou seja, a invasão de supostas imagens do futuro. Viver o presente de forma semioticamente razoável implica, então, defender os limites de sua identidade do que não é em relação ao sujeito — ontológica e gnoseologicamente — e rejeitar o falso. O passado que invade o presente — por exemplo, na alucinação devida ao trauma — carrega uma falsa percepção do que é e, portanto, um medo injustificado. Da mesma forma, o futuro que invade o presente — por exemplo, na alucinação obsessiva — também resulta em uma percepção inautêntica do presente e, conseqüentemente, em um entusiasmo infundado.

Cultivar as fronteiras disso é difícil, porque não são simples linhas de demarcação, mas limiares. Seria impossível viver no presente rejeitando toda a memória do passado. Como Umberto Eco (1988) já sublinhou num famoso ensaio, não existe “uma arte de esquecer” paralela à arte da memória. Os seres humanos controlam parcialmente o que memorizam, mas não podem de forma alguma controlar o que esquecem. A evolução natural das espécies pode ter privilegiado uma memória que não consegue apagar voluntariamente as lembranças de estados e acontecimentos dolorosos, pois é precisamente deles que se pode aprender. Mas o indivíduo tem que viver o presente abrindo-o voluntariamente para o passado e para a memória. Essa abertura pode ocorrer como nostalgia, ou seja, como uma memória melancólica do que é considerado querido mas perdido para sempre, mas também pode ocorrer como uma experiência: uma memória do passado que não é traumática nem nostálgica, mas

antes observa o que foi para orientar a ação no momento presente. A memória de amores perdidos, por exemplo, não deveria atormentar o presente com o trauma da rejeição violenta, ou com a nostalgia da paixão desaparecida, mas sim apresentar-se, isto é, fazer-se presente, com o ensino sobre o tipo e qualidade das relações que melhor constroem o ser e sua felicidade.

Embora exista um desequilíbrio ontológico e epistemológico entre o passado e o futuro, a fronteira com esta segunda dimensão temporal também deve ser cultivada não como uma linha, mas como um limiar razoável. Os seres humanos podem controlar a imaginação do futuro com mais eficácia do que podem controlar a memória do passado. Muitas doutrinas religiosas e espirituais — por exemplo, o budismo — consistem exatamente na tentativa de bloquear a imaginação do futuro. No entanto, também no caso do futuro, deve-se distinguir entre sua evocação maníaca e sua imaginação razoável. No primeiro, a evocação do futuro como catástrofe absoluta ou como utopia profética invade o presente e o contamina, paralisando-o. No segundo, ao contrário, o futuro se apresenta como um projeto, ou seja, como um desenvolvimento razoável do presente para um futuro almejado.

Nesse sentido, a razoabilidade do presente consiste em defendê-lo do trauma e da nostalgia do lado do passado, e em protegê-lo do excessivo otimismo e pessimismo do lado do futuro, permitindo, pelo contrário, que o limiar entre passado e presente se manifeste como uma experiência e que o limiar entre o presente e o futuro se delineie como um projeto. Pelo contrário, o falso inevitavelmente turva a relação do presente com o passado e o futuro. Uma memória traumatizada, que exagera a presença do passado no presente, produz representações desviantes do que é, muitas vezes levando à paralisia ou à ação irracional. Da mesma forma, uma imaginação exaltada, que exagera a presença do futuro no presente, também produz representações mórbidas do que é, levando a pensamentos e comportamentos igualmente irracionais.

Portanto, tanto a nível da psicologia individual como da psicologia social, defender a dignidade do presente implica protegê-lo do falso que surge como projeção para o presente, seja do passado ou do futuro. Durante a pandemia da Covid-19, por exemplo, os maiores jornais italianos, pelo menos em suas versões on-line, não defenderam o presente e sua percepção pelos leitores, mas especularam abertamente sobre sua invasão do passado e do futuro. Por um lado, evocaram cenários catastróficos de tempos remotos, adotando em muitos casos a metáfora traumática da guerra; por outro lado, desenharam um futuro horrível com a ameaça imaginária de vírus invencíveis, variantes letais e hospitais em colapso. A reação a essa invasão irracional do presente por uma memória e imaginação catastróficas, pela ilusão de um *déjà vu* guerreiro e pela fantasia de um cinema catastrófico, foi muitas vezes uma reação oposta, mas igualmente irracional, onde o falso se manifestou não como projeção distópica, mas como

otimismo irresponsável: a pandemia, pensava-se, não era pior que a gripe cíclica do passado, e nada aconteceria, no futuro, comportando-se como se o vírus não existisse.

## 1. A evolução do falso

A falsidade é uma questão-chave em vários campos de pesquisa. Nas ciências naturais, que lidam com o falso intencional: a metodologia e a pesquisa devem identificá-lo de forma a obter um verdadeiro conhecimento da realidade. Nas ciências humanas, onde o falso é a contrapartida da autenticidade, a sombra ameaçadora do pensamento ocidental desde a sua criação: a humanidade deve buscar o que é verdade e evitar a falsidade, valorizando o autêntico e estigmatizando a falsificação. As doutrinas éticas e as religiões também enfatizam a perniciosidade da falsidade e a periculosidade da falsificação para a coesão e harmonia sociais: as mentiras, isto é, as representações da realidade intencionalmente falsas — mas de alguma forma críveis —, devem ser mantidas à margem da vida social. No entanto, a possibilidade de representar, por meio da linguagem, não apenas o que é, mas também o que não é, é uma característica inerente à cognição humana. Os seres humanos são dotados de uma capacidade única de criar e usar simulações mentirosas do mundo, incluindo o mundo interior e invisível de suas emoções. Afinal, a habilidade humana de criar representações ficcionais confiáveis da realidade é paralela à habilidade de criar realidades ficcionais confiáveis nas artes.

Ao longo da história e em todas as culturas, portanto, as comunidades humanas devotaram uma quantidade imensa de suas energias ao tema social central de “administrar” o falso. Os filósofos tentaram defini-lo como falso, estigmatizando-o na maioria das escolas de pensamento, mas também brincando com ele em alguns casos (dos sofistas à casuística católica, de Nietzsche a Derrida e a desconstrução); os líderes éticos e religiosos destacaram o perigo social da mentira sistemática; escritores e artistas refinaram a retórica da narração e a representação de ficção ao máximo; os cientistas desenvolveram métodos e procedimentos para reconhecer a falsidade e verificar a verdade; os pesquisadores sociais tentaram compreender as motivações, o processamento e os efeitos da falsidade; os pensadores políticos e os juristas têm buscado as melhores estratégias para limitar e controlar a disseminação da falsidade nas relações sociais. No entanto, existe apenas uma disciplina, tanto nas ciências naturais quanto nas humanas, para a qual o falso é o principal objeto de investigação. Essa disciplina é a semiótica, a ciência da significação e da comunicação. Umberto Eco, um dos seus fundadores, definiu-a em seu *Tratado de semiótica geral* (1975, p. 17) como “a disciplina que estuda tudo o que pode ser usado para mentir”, propondo, de fato, uma equivalência teórica entre o reino

de significado e o do falso: onde há o primeiro, há a possibilidade do segundo, e onde há o segundo, há a possibilidade do primeiro.

Pensar o presente em relação ao falso toma essa definição como ponto de partida. A hipótese principal é que, embora a falsificação seja parte da cognição humana, e, embora as práticas e as teorias de falsificação tenham já caracterizado toda a história da humanidade, a mudança tecnológica tem um profundo impacto sobre as culturas humanas de falsificação. A arte rupestre em Lascaux e outros locais pré-históricos ao redor do mundo já é uma espécie de representação fictícia. O homem paleolítico já os adornaria com imagens idealizadoras de animais selvagens. No entanto, o visitante contemporâneo pode agora explorar um museu na Dordonha que é uma réplica exata do local autêntico, sem diferenças perceptíveis. A digitalização digital 3D e outras tecnologias avançadas permitiram a construção de uma farsa que pode ser experimentada como autêntica. Os visitantes são informados de que é uma réplica, é claro. No entanto, em um número crescente de circunstâncias, os indivíduos hoje interagem com as falsificações sem saber o que são e sem ter a oportunidade de distinguir o fato da ficção, a verdade da impostura.

As técnicas para produzir uma ilusão de realidade e veracidade também têm uma longa história. *Trompe-l'oeil* extremamente eficazes, por exemplo, são bastante comuns na história da arte ocidental, assim como a fabricação de réplicas deceptivas. Ao longo da história da arte ocidental, uma abundante elaboração do falso desenvolveu-se em paralelo com a elaboração igualmente abundante de métodos para desmascarar a falsificação; por exemplo, o método desenvolvido pelo especialista em arte Giovanni Morelli. No entanto, uma leitura semiótica desta história sugere que os avanços tecnológicos modificam o circuito entre a produção e o reconhecimento do falso. Por exemplo, a *Apple* atualmente investe enormes recursos para proteger os dispositivos de reconhecimento facial em seus telefones e computadores contra a falsificação; ao mesmo tempo, grupos de *hackers* estão constantemente tentando contornar esses sistemas de segurança. O que muda em relação ao passado é que agora essa corrida entre falsificadores e caçadores de falsificações é extremamente rápida, superando cada vez mais as habilidades da maioria dos atuais usuários de tecnologia. Os avanços tecnológicos atuais permitem que o falso seja cada vez mais realista, transcendendo as habilidades comuns para a sua detecção, produzindo-o e fazendo-o circular com velocidade sem precedentes, fora do alcance daqueles que não são especializados na verificação dos fatos.

Novas tecnologias digitais para a produção do falso (a falsificação profunda — o *deep fake* —, a impressão de máscaras em 3D, os hologramas dotados com inteligência artificial, os *trolls* algorítmicos e outros pseudo-usuários — os *bots*), juntamente com novas tecnologias digitais para a circulação do falso (todos os tipos de redes sociais), estão empurrando perigosamente o mundo em direção a

um caos epistêmico e social que o pensamento ocidental por séculos tem visto como um resultado ameaçador da falsificação e da mentira. Essas novas tecnologias de falsificação podem ser usadas para promover a formação de comunidades cujos pensamentos, emoções e ações são manipulados através da criação rápida e da disseminação frenética de representações digitais do mundo ao mesmo tempo muito críveis e totalmente falsas, que é, não correspondendo à sua ontologia. Isso pode levar ao perigo de uma sociedade crédula e impressionável, assim como ao perigo oposto de uma comunidade hiper-cética, cínica e aquiescente politicamente, bem como à polarização social extrema. Como resultado da preocupante disseminação do falso digital, uma nova área de pesquisa surgiu na encruzilhada de várias ciências sociais e humanas. É a área que inquirir sobre duas palavras-chave da última década, ou seja, *fake news*, “notícias falsas”, e *post-truth*, “pós-verdade”. A literatura nesta área é abundante em várias línguas.

## 2. O estado da arte e suas lacunas

Vários estudos recentes enfocam o uso ideológico (VAN DIJK; HACKER, 2018; FUCHS, 2020) ou político (FARKAS; SCHOU, 2020) de notícias falsas, também com referência a contextos geopolíticos específicos (nos EUA, LOCKHART, 2018; na Europa, EBERWEIN; FENGLER; KARMASIN, 2019; na Rússia, ROUDAKOVA, 2017; BOYD-BARRETT, 2020); em sua produção digital (BARNES; BARRACLOUGH, 2019; ZIMDARS; MCLEOD, 2020), com ênfase especial em jornalismo (MCNAIR, 2018; KATZ; MAYS, 2019); sobre sua disseminação viral (SAFIEDDINE; IBRAHIM, 2020), principalmente por meio das redes sociais (SUMPTER, 2018); sobre possíveis métodos de contra-ataque (DALKIR; KATZ, 2020); sobre o papel da falsificação em domínios particularmente sensíveis, como educação (PETERS, 2018), comida (SCHWARCZ, 2019), história (DE BAETS, 2018), medicina (FAINZANG, 2016) e ciências (ARNOLD, 2019; JEWETT, 2020).

A questão filosófica da pós-verdade também foi abordada por vários estudiosos (MCINTYRE, 2018), do ponto de vista da filosofia da comunicação (ROBBITO, 2020), da filosofia moral (PHILLIPS, 2019), da ontologia (CONDELLO; ANDINA, 2019), do pensamento interdisciplinar (DUNCAN, 2018), bem como através de abordagens relativísticas para a questão da “falsificação genuína” (PYNE, 2019, que se concentra em arte falsificada, fósseis falsos, documentários sobre a natureza, sabores sintéticos, exposições de museus, códices maias e réplicas paleolíticas). Perspectivas históricas também floresceram, buscando dar nuances à novidade do fenômeno (com foco na Idade Média, CORRAN, 2018; no período moderno inicial, HADFIELD, 2017; nos

nazistas, O'SHAUGHNESSY, 2017; na história americana, CORTADA; ASPRAY, 2019; na história do oeste, DENERY, 2015; FRASER, 2020).

As ciências da linguagem também têm uma longa tradição no estudo das mentiras, do ponto de vista da filosofia da linguagem (MICHAELSON; STOKKE, 2018), linguística (MEIBAUER, 2019) e semiótica (DANESI, 2019; LEONE, 2020; VIOLARIS, 2020). Enquanto para a filosofia analítica da linguagem, verdade e falsidade são atribuições lógicas (GORLÉE, 2012), para a filosofia continental da linguagem e para a semiótica elas são definidas em relação ao significado (ECO, 1984). Todos os pais fundadores da semiótica abordaram o tema (OUSMANOVA, 2004; LORUSSO, 2018): Charles S. Peirce, na tradição americana (COOKE, 2014); os principais autores da semiótica estrutural, já em uma edição especial de seu principal jornal, *Communications*, dedicado ao conceito de *vraisemblable*: Tzvetan Todorov, Gérard Genette, Christian Metz, Julia Kristeva, Gérard Genot, Roland Barthes e outros (TODOROV, 1968); Baudrillard voltou a falar sobre o assunto (1987; 2000); mais recentemente, uma mesa redonda sobre *postvérité et démocratie*, ou pós-verdade e democracia, em livre tradução, organizada por Jacques Fontanille durante o Congresso de 2019 da Associação Francesa de Semiótica em Lyon entre os dias 11 e 14 de junho de 2019 (DI CATERINO, 2020). Umberto Eco escreveu extensivamente sobre falsificação (1995), dirigiu uma edição especial da revista semiótica *Versus* sobre *Fakes, identity, and the real thing* (com ensaios de ECO; PRIETO; CALABRESE, 1987), e também lidou com o assunto em numerosos ensaios e romances (*O pêndulo de Foucault*, *O cemitério de Praga*, *Número zero*). Iuri Lotman abordou repetidamente a questão da contrafação e falsificação (ANDREWS, 2003, p. 101; MAKARYCHEV; YATSYK, 2017).

Apesar da abundância e da variedade de trabalhos acadêmicos que lidam com o falso, a falsidade e a falsificação, a literatura existente mostra algumas lacunas importantes: 1) a falta de inter-definição: os estudiosos usam termos abstratos como “falso”, “falsidade”, “falsificação”, etc., bem como “notícias falsas”, “pós-verdade”, “falso profundo”, etc. de maneiras variadas e às vezes contraditórias; é necessário, portanto, um esforço teórico e conceitual de categorização e classificação semântica e pragmática; 2) a falta de interdisciplinaridade: as questões da construção, circulação, disseminação e potencial descrença da contrafação são abordadas a partir de várias perspectivas, que, no entanto, muitas vezes não se complementam de forma construtiva; 3) a falta de cooperação entre as ciências humanas e sociais de um lado e, de outro, as ciências naturais e a engenharia; a tecnologia da falsificação é tão complexa hoje que é extremamente difícil para os literatos compreenderem com precisão sua geração e disseminação; 4) a falta de interação entre os atores acadêmicos e não acadêmicos; a contrafação é uma questão fundamental em relação à política, à sociedade, à economia, ao meio ambiente, etc.; no entanto, a

cooperação de atores públicos e privados nessas áreas tem sido, até agora, apenas esporádica; 5) a falta de fertilização cruzada entre acadêmicos e artistas; os primeiros lidaram principalmente com a falsificação como um problema, como uma força negativa que turva as águas do pensamento racional em todos os domínios da vida social; no entanto, a falsificação é também a principal fonte da criação artística; existe uma relação estreita entre falsificação e ficção; os artistas podem desempenhar um papel fundamental, portanto, na exploração de estratégias de significação e comunicação por meio das quais pode-se atribuir um efeito de realidade a uma falsificação, ocultando seu conteúdo de falsidade.

### 3. O simulacro convocado

Pensar o presente em relação à questão do falso leva a preencher essas lacunas e, assim, gerar uma nova consciência social, acadêmica, profissional e artística sobre a falsificação, sobre sua natureza e sua mudança, sobre seus riscos, mas também sobre suas oportunidades, em que é necessário para que os cidadãos do século XXI aprendam a navegar através das representações digitais complexas das sociedades tecnologicamente avançadas. Os desafios pela frente estão relacionados a essas lacunas, às formas de preenchê-las, mas também com as mudanças que as sociedades e as tecnologias da falsificação podem manifestar nos próximos anos. Os trabalhos nesta área, então, não são somente filosóficos ou teóricos, consistem na tarefa de chegar a uma definição interdisciplinar, operacional e proativa, capaz de promover a cooperação entre as humanidades, as ciências sociais e as ciências naturais, os acadêmicos e os engenheiros, a universidade mundial e os atores não acadêmicos, os pesquisadores e os criadores.

Isso é fundamental para uma segunda tarefa: a filosofia do presente, desenvolvida em relação a uma semiótica do falso, deve reconsiderar os limites disciplinares para desenvolver uma nova criatividade teórica, relacionada com a criação, a circulação e o possível “manejo” da falsificação nas sociedades tecnologicamente avançadas de hoje. Falsas representações da realidade tem acompanhado toda a história da espécie humana e provavelmente são inerentes à sua cognição. No entanto, dois novos fatores alteram radicalmente a presença da falsificação na sociedade atual; os dois são inerentes às sociedades digitais e telemáticas: por um lado, o peso dos dados (*big data*); por outro lado, as novas dimensões do realismo digital. O segundo desafio, portanto, envolverá a reconsideração interdisciplinar das novas tendências quantitativas e sensoriais do falso, por meio da cooperação crucial entre abordagens até então distintas. As falsas representações da realidade adquirem um impulso sem precedentes na esfera social e impactam com força anômala na formação da opinião pública. As distorções marginais da verdade adquirem uma visibilidade atípica nas redes

sociais por meio de uma retórica da quantificação: sua circulação é onipresente e vem acompanhada de uma retransmissão incessante e quantificável. A divulgação do falso também é cada vez mais impulsionada pela adoção de uma comunicação multimodal e multissensorial, que explora a atrativa antropológica ancestral das imagens e doutros artefatos visuais, mas melhora-a através duma credibilidade digital inigualável. A pesquisa sobre este novo nível de produção e circulação de falsificações em empresas digitais e internet transcende agora, portanto, o quadro epistemológico e metodológico das suas humanidades: para entender a falsificação hoje, é essencial entender como as máquinas estão se tornando cada vez mais adequadas para a fabricação, a difusão e a promoção do falso através de processos automáticos: as falsas notícias, a pós-verdade, o *trolling*, etc., são feitos compreensíveis sem uma consideração profundamente interdisciplinar dos “algoritmos do falso”, ou seja, dos processos e dispositivos de computação que os produzem.

O terceiro desafio que aguarda uma filosofia que adote a semiótica para defender o presente das ameaças do falso consistirá na tentativa de tecer duas perspectivas geralmente divergentes e mutuamente ignorantes: de um lado, a investigação acadêmica sobre a emergência do falso na reflexão teórica, a conversa social ou a pesquisa científica; por outro lado, a prática tecnológica relacionada ao desenvolvimento de dispositivos e algoritmos da produção e disseminação de falsas representações; o objetivo por trás dessa terceira tarefa é aumentar a conscientização, entre os criadores de tecnologia, do impacto social dos desenvolvimentos digitais e promover a compreensão, entre os pesquisadores, do potencial de câmbio social das novas tecnologias digitais, e da oportunidade de não usá-las apenas para criar representações sociais incorretas, mas também, ao contrário, para neutralizá-las e desacreditá-las, ou mesmo para gerar novas oportunidades de reflexão filosófica, dando origem a uma realidade virtual que estimule os experimentos mentais.

A sinergia entre a pesquisa teórica e aplicada também é fundamental em relação ao quarto desafio: a falsificação não é apenas um elemento de risco na formação do senso comum, no compartilhamento e conhecimento da opinião pública; é também a base para planos de ação e opções pragmáticas. Notícias falsas encorajam os cidadãos a votar de acordo com uma compreensão distorcida das sociedades; os *bots* e outros algoritmos de *trolling* influenciam as relações internacionais e podem até mesmo ser adotados por agências políticas destrutivas; a publicação de notícias falsas leva a atitudes econômicas infundadas e altera a produção e circulação de mercadorias em profundidade; as teorias da conspiração condicionam a recepção da ciência e o papel da medicina na sociedade; o falso, ou seja, torna-se um ator social central que desempenha seu papel de forma descontrolada, altera as relações sociais e tendências com base em representações falsas da realidade. Diante desse cenário preocupante, o

quinto desafio que uma filosofia do presente deve enfrentar é promover o diálogo e a cooperação entre acadêmicos, cientistas e engenheiros de um lado e, de outro, os atores da sociedade, da economia, da política, a lei, a indústria e a mídia, cujo trabalho é atualmente afetado pela crescente presença e agenciamento da contrafação na sociedade.

Hoje, a falsificação está causando bilhões de danos às sociedades em todos os setores da vida social, econômica e política; ao mesmo tempo, está se tornando uma indústria do mal para aqueles que desejam se beneficiar de sua difusão na sociedade; a semiótica do falso tem a intenção de substituir a indústria da falsificação perniciosa com uma indústria que se beneficie, no entanto, a partir da depreciação das falsas representações da realidade, mas essa operação, no entanto, será impossível de ser realizada sem um conhecimento profundo da “gramática das ficções”, ou seja, as regras não escritas pelas quais uma falsa simulação ganha força pragmática e a capacidade de produzir efeitos em seu ambiente cultural e social. As regras dessa gramática não são constantes, mas variam entre os períodos históricos, as “culturas do falso”, e dependendo das tecnologias usadas para implementar essas regras. No entanto, uma “gramática” cross-cultural e trans-histórica do falso existe, dando origem a uma antropologia profunda da falsificação. Embora os estudiosos tenham investigado o falso, muitas vezes eles têm negligenciado um conhecimento profissional específico sobre este assunto, um conhecimento que é muito valioso.

Assim, a quinta tarefa de uma semiótica do falso consistirá em promover uma convivência fecunda entre acadêmicos e artistas. Escritores, pintores, escultores e, mais recentemente, diretores de cinema e artistas digitais há muito praticam a arte sutil das simulações de maneira magistral; mesmo sem qualquer consciência formal disso, eles criaram, durante séculos, ficções perfeitamente críveis, ficções confiáveis. É necessário, portanto, colocar esta “arte do falso” em diálogo com as “ciências do falso”, com o objetivo de impulsionar sociedades onde a criatividade possa florescer, graças às novas tecnologias digitais e para a internet, mas sem engendrar um domínio de falsidade sobre a verdade.

## **Conclusão: o falso como vírus**

Uma filosofia que pensa o presente através de uma semiótica do falso suporta então a fertilização e a sinergia entre as disciplinas, com as partes sociais interessadas e com os artistas a todos os níveis, mas evita o ecletismo graças à sólida estrutura teórica da semiótica. Ramos diferentes desta disciplina estudam a linguagem, o significado e a comunicação; no entanto, é sobretudo a semiótica de Lotman (e da Escola de Moscou/Tartu) que pode fornecer uma ampla variedade de conceitos e teorias para descrever a estrutura da cultura e estudar sua evolução. Na semiótica de Lotman, a noção de “semiosfera” é central. A

produção, circulação e difusão de sentido na sociedade são estudadas como se a cultura fosse uma biosfera de significado, onde surgem textos e representações, se reproduzem, proliferam e se espalham a partir da periferia para o centro do sistema ou, pelo contrário, diminuem, movem para as margens e caem no esquecimento. A tecnologia, nessa metáfora, representa a infraestrutura de dispositivos e processos (da escrita aos algoritmos) por meio dos quais a reprodução da cultura como memória não genética da espécie humana é garantida (LOTMAN, 2022).

A semiótica cultural atual, inspirada por Lotman e outras fontes, adota uma abordagem sistêmica para a cultura, mas não suporta perspectivas mecanicistas. A teoria dos memes e a sociobiologia, na verdade, mesmo se elas são relevantes, não têm suficientemente em conta o papel dos indivíduos e da sua intenção na definição das trajetórias de sentido na sociedade. A filosofia do presente abrange, entretanto, uma epidemiologia humanista da cultura, que explora os modelos de difusão e contágio derivados das ciências naturais e da biologia, mas se qualifica para a consideração da força persuasiva específica das representações e dos textos. A crescente importância do aspecto quantitativo no estudo das redes sociais como plataforma de difusão de sentido encurta a distância entre as ciências naturais da epidemiologia e as ciências sociais da semiótica cultural. Se, de acordo com Lotman, a cultura é vista como um sistema holístico e o sentido como uma entidade que permeia seus tendões de acordo com padrões estruturados de difusão, então as falsas representações ou, mais geralmente, a falsificação, também devem ser consideradas em termos ecológicos.

O principal desafio pela frente é, portanto, encontrar um lugar para a falsidade na ecologia humana dos sentidos. Aparentemente, uma semiosfera sem falsificação seria o ideal. Esse sentimento está cada vez mais presente em um tempo em que, ao contrário, representações distorcidas da realidade proliferam em todas as esferas da vida pública e dificultam o correto andamento das interações humanas, bem como uma experiência razoável do presente, ou seja, uma experiência não ameaçada por traumas, nostalgia, manias e obsessões. A comparação com o cenário epidemiológico, entretanto, sugere um ângulo diferente. No momento em que o texto deste artigo está sendo redigido, o mundo inteiro é atingido pela propagação de uma pandemia de um vírus denominado Covid-19. É natural e compreensível que, em tais circunstâncias, as pessoas sonhem com um “mundo sem vírus”. No entanto, é evidente para os especialistas em virologia que, apesar dos avanços na medicina e na indústria farmacêutica, a expulsão do vírus do mundo não só é impossível, mas também indesejável. Os vírus, na verdade, sempre fizeram parte do ambiente natural, contribuindo constantemente para o seu equilíbrio ecológico. O que deve ser desejado, então, não é um mundo sem vírus, mas um mundo em que os humanos possam coexistir com os vírus num equilíbrio aceitável. No entanto, a literatura científica neste

campo indica que o equilíbrio que tem existido e tem durado por milênios está sendo quebrado por novos avanços tecnológicos que dão à humanidade uma expansão sem precedentes em toda a biosfera.

A proposta teórica deste artigo é que o falso é o equivalente cultural de um vírus. Na verdade, durante a pandemia, muitos comentaristas começaram a usar a palavra “infodemia”, isto é, a disseminação descontrolada e desconcertante de uma representação da epidemia que não é confiável, impossível de determinar ou flagrantemente falsa. No entanto, sonhar com um mundo sem falsificações, onde todas as falsas representações seriam milagrosamente proibidas pela alta ética da linguagem, pelo controle político ou por dispositivos tecnológicos (de soros de verdade a polígrafos, de testes de *captcha* até verificação automática de fatos) é tão irrealista quanto sonhar com uma natureza livre de vírus. Ninguém entendeu isso melhor do que Jonathan Swift no Livro IV de *The travels of Gulliver* (1726), que descreve a raça fictícia dos Houyhnhnms, cavalos inteligentes cuja racionalidade perfeita contrasta agudamente com os modos bestiais dos humanoides Yahoos. Os Houyhnhnms são dotados com uma filosofia e, acima de tudo, com uma língua completamente desprovida de disparates políticos ou éticos. Sua linguagem, por exemplo, não contém nenhuma palavra para “mentira”, de modo que, para se referir a ela, os Houyhnhnms devem usar um circunlóquio: “Dizer um pensamento que não é”. Eliminar toda imperfeição de pensamento e toda ambiguidade da linguagem foi, por muito tempo, um sonho humano; Umberto Eco e outros estudiosos têm reconstruído e estudado esta pesquisa para a linguagem perfeita.

No entanto, linguistas, semióticos e filósofos da linguagem sabem que os humanos são capazes de fingir porque são capazes de produzir sentido. Somente uma sociedade sem sentido poderia eliminar qualquer vestígio de falsificação no mundo. No entanto, aqui também a analogia entre o falso e o vírus, entre pandemias e infodemias, torna-se útil novamente: rápidos avanços na tecnologia de comunicação digital e da internet têm expandido o domínio da falsificação e alterado o seu equilíbrio com as áreas do sentido controlável e confiável. A filosofia do falso proposta aqui estende ainda mais a comparação entre a epidemiologia e a disseminação viral da falsificação. Como sugerem pesquisas científicas, as pandemias mais recentes são o resultado de um processo biológico conhecido como “zoonoses”: a expansão agressiva da espécie humana pelo planeta leva ao contato atípico com outras espécies animais hospedeiras e vetores de vírus, produzindo maiores oportunidades de “transbordamento” para a espécie humana.

*Mutatis mutandis*, pode-se dizer que a proliferação de sentido por meio das novas tecnologias de comunicação digital e da internet também está produzindo um tipo particular de transbordamento. Domínios discursivos até então separados entram em contato próximo e se confundem, resultando em

uma “semionose”, ou seja, a passagem do falso do domínio discursivo da ficção para o domínio da interação comunicativa não ficcional. Os escritores têm imaginado cenários distópicos há séculos; isso não prejudicou a funcionalidade da arena política, mas, ao contrário, permitiu que os cidadãos representassem ainda mais vividamente os contextos sociais que preferiam evitar. A contrafação, neste caso na forma de ficção, tem sido útil para uma comunicação eficaz sobre a realidade. No mundo da pós-verdade, porém, as ficções não se limitam a desenhar cenários do que o ser humano pode ou não querer para o seu futuro, mas se confundem com gêneros discursivos não ficcionais, induzindo a aderência à sua representação da realidade e, assim fazendo, contribuindo para a verdadeira realização de suas perspectivas imaginárias. Teorias da conspiração, por exemplo, não são anunciadas como ficções sobre os possíveis perigos de uma sociedade que perde o controle de sua indústria farmacêutica, mas como representações de tais perigos em uma sociedade que já o perdeu. Por mais sutil que possa parecer a distinção, seus efeitos políticos são perturbadores: uma coisa é sujeitar a indústria a um controle social apropriado; outra coisa é considerar todas as vacinas como produtos nocivos da especulação.

Uma nova compreensão sistêmica da ecologia da contrafação nas sociedades tecnologicamente avançadas de hoje só podem ser obtida por meio de uma abordagem igualmente sistêmica, envolvendo a cooperação entre as ciências, entre as ciências e as humanidades, com as partes sociais interessadas e com os artistas. As lacunas no estado da arte e, mais importante, as constatadas na atual “gestão” social do falso serão preenchidas somente se um esforço abrangente for promovido para uma plena compreensão do papel das falsas representações nas culturas humanas e sua interação com o progresso tecnológico. Por um lado, a filosofia do presente, entendida como um esforço para proteger sua experiência do falso, deve favorecer a descoberta de novas “vacinas culturais”, isto é, remédios de curto prazo que poderiam ser desenhados em cooperação com as principais partes interessadas também através do uso específico de inteligência artificial (por exemplo, novos dispositivos, aplicativos e algoritmos para verificação de dados); por outro lado, no entanto, essas curas de curto prazo são ou tratam os sintomas, não os patógenos subjacentes à proliferação da falsificação na sociedade. O estudo do falso, ao contrário, também funciona no longo prazo: entender como o desenvolvimento tecnológico na comunicação digital e na internet se fundiu com outros fatores econômicos, infraestruturas e socioculturais para alterar progressivamente a ecologia humana da contrafação, levando à incontroláveis derrames de representações fictícias da realidade nos gêneros discursivos da não ficção. ●

## Referências

- ANDREWS, Edna. *Conversations with Lotman*. Cultural Semiotics in Language, Literature, and Cognition [Toronto Studies in Semiotics and Communication]. Toronto, Buffalo e Londres, UK: University of Toronto Press, 2003.
- ARNOLD, Rolf. *Fake News in Science and Education: Leaving Weak Thinking Behind*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2019.
- BARNES, Curtis; BARRACLOUGH, Tom. *Perception inception: preparing for deepfakes and the synthetic media of tomorrow*. Auckland, Nova Zelândia: Brainbox, 2019.
- BAUDRILLARD, Jean. Au-delà du vrai et du faux, ou le malin génie de l'image. *Cahiers internationaux de sociologie*, nova série, 82 (« Nouvelles images, nouveau réel »), janeiro-junho, 1987. p. 139-145.
- BAUDRILLARD, Jean. *The Vital Illusion*. New York: The Wellek Library Lectures, 2000.
- BOYD-BARRETT, Oliver. *Russia Gate and Propaganda: Disinformation in the Age of Social Media*. Abingdon, UK e New York: Routledge, 2020.
- CONDELLO, Angela; ANDINA, Tiziana (org.). *Post-Truth, Philosophy and Law*. Londres, UK e Nueva York, NY: Routledge, 2019.
- COOKE, Elizabeth. Peirce and the “Flood of False Notions”. In: THELLEFSEN, Torkild; SORENSEN, Bent; DE WAAL, Cornelis (org.). *Charles Sanders Peirce in his own Words*. 100 Years of Semiotics, Communication and Cognition [Semiotics, Communication and Cognition 14]. Boston, MA: De Gruyter Mouton, 2014. p. 325-331.
- CORRAN, Emily. *Lying and Perjury in Medieval Practical Thought: A Study in the History of Casuistry*. Oxford, UK: Oxford University Press, 2018.
- CORTADA, James; ASPRAY, William. *Fake News Nation: The Long History of Lies and Misinterpretations in America*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2019.
- DALKIR, Kimiz; KATZ, Rebecca (org.). *Navigating Fake News, Alternative Facts, and Misinformation in a Post-truth World*. Hershey, PA: Information Science Reference, 2020.
- DANESI, Marcel. *The Art of the Lie: How the Manipulation of Language Affects our Mind*. Guilford, CT: Prometheus Books, 2019.
- DE BAETS, Antoon. *Crimes against History*. London, UK and Nueva York, NY: Taylor y Francis, 2018.
- DENERY, Dallas. *The Devil Wins: A History of Lying from the Garden of Eden to the Enlightenment*. Princeton, NJ: PUP, 2015.
- DI CATERINO, Angelo. Fake news: une mise au point sémiotique. *Actes sémiotiques*, n. 123, 2020. Disponível em: <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/6445>. Acesso em: 04 mai. 2021.
- DUNCAN, Grant. *The Problem of Political Trust: A Conceptual Reformulation*. Londres, UK e New York, NY: Routledge, 2018.
- EBERWEIN, Tobias et al. (org.). *Media Accountability in the Era of Post-truth Politics: European Challenges and Perspectives*. Routledge Studies in European Communication Research and Education. Abingdon, UK e New York, NY: Routledge, 2019.

- ECO, Umberto. On Fish and Buttons: Semiotics and Philosophy of Language. *Semiotica*, v. 48, n. 1-2, 1984. p. 97-118. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/semi.1984.48.1-2.97>. Acesso em: 05 dez. 2021.
- ECO, Umberto. Fakes, Identity and the Real Thing. *Versus*, v. 46. Milão: Bompiani, 1987.
- ECO, Umberto. *Faith in Fakes: Travels in Hyperreality* (1986). Londres, UK: Minerva, 1995.
- FAINZANG, Sylvie. *An Anthropology of Lying: Information in the Doctor-patient Relationship*. Abingdon e New York, NY: Routledge, 2016.
- FARKAS, Johan; JANNICK Schou. *Post-truth, Fake News and Democracy: Mapping the Politics of Falsehood* [Routledge Studies in Global Information, Politics and Society]. Abingdon, UK e New York, NY: Routledge, 2020.
- FRASER, Matthew. *In Truth: A History of Lies from Ancient Rome to Modern America*. Guilford, CT: Prometheus Books, 2020.
- FUCHS, Christian. *Nationalism on the Internet: Critical Theory and Ideology in the Age of Social Media and Fake News*. Londres, UK e New York, NY: Routledge, 2020.
- GORLÉE, Dinda. *Wittgenstein in Translation: Exploring Semiotic Signatures* [Semiotics, Communication and Cognition 9]. Berlim: De Gruyter Mouton, 2012.
- HADFIELD, Andrew. *Lying in Early Modern English Culture: from the Oath of Supremacy to the Oath of Allegiance*. Oxford, UK: Oxford University Press, 2017.
- JEWETT, Andrew. *Science under Fire: Challenges to Scientific Authority in Modern America*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2020.
- KATZ, James Everett; MAYS, Kate. *Journalism and Truth in an Age of Social Media*. Oxford, UK e New York, NY: Oxford University Press, 2019.
- LEONE, Massimo. Mona Lisa's Emoji: Digital Civilization and its Discontents. *Social Semiotics*, v. 30, n. 3, 2020. p. 312-327. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10350330.2020.1731164>. Acesso em: 05 dez. 2021
- LOCKHART, Michele. *President Donald Trump and his Political Discourse: Ramifications of Rhetoric via Twitter*. New York, NY e Londres, UK: Routledge, 2018.
- LORUSSO, Anna Maria. *Postverità: fra reality TV, social media e storytelling*. Bari: GLF Editori Laterza, 2018.
- LOTMAN, J. M. *La semiosfera. L'asimmetria e il dialogo nelle strutture pensanti*. Milano: La Nave di Teseo, 2022.
- MAKARYCHEV, Andrey; YATSYK, Alexandra. *Lotman's Cultural Semiotics and the Political: Reframing the Boundaries*. Londres, UK: Rowman & Littlefield International, 2017.
- MCINTYRE, Lee. *Post-truth* [MIT Press Essential Knowledge Series]. Cambridge, MA: MIT Press, 2018.
- MCNAIR, Brian. *Fake News: Falsehood, Fabrication and Fantasy in Journalism. Disruptions: Studies in Digital Journalism*. Abingdon, UK e New York, NY: Routledge, 2018.
- MEIBAUER, Jörg (org.). *The Oxford Handbook of Lying* [Oxford Handbooks in Linguistics]. Oxford, UK e New York, NY: Oxford University Press, 2019.
- MICHAELSON, Eliot; STOKKE, Andreas (org.). *Lying: Language, Knowledge, Ethics, and Politics* [Engaging Philosophy]. Oxford, UK: Oxford University Press, 2017.

- O'SHAUGHNESSY, Nicholas. *Marketing the Third Reich: Persuasion, Packaging and Propaganda*. Routledge Studies in Fascism and the Far Right. Londres, UK e New York, NY: Taylor and Francis, 2017.
- OUSMANOVA, Almira. Fake at Stake: Semiotics and the Problem of Authenticity. *Problemos*, v. 66, n.1, 2004. p. 80-101.
- PETERS, Michael. *Post-truth, Fake news: Viral Modernity and Higher Education*. Singapore: Springer, 2018.
- PHILLIPS, Paul. *Truth, Reality, and Meaning in History* [UTP Insights]. Toronto: University of Toronto Press, 2019.
- PYNE, Lydia. *Genuine Fakes: Wow Phony Things Teach us about Real Stuff* [Bloomsbury Sigma Series 47]. Londres, UK: Bloomsbury Sigma, 2019.
- RABBITO, Andrea, dir. *La cultura del falso: inganni, illusioni e fake news*. Milão: Meltemi, 2020.
- ROUDAKOVA, Natalia. *Losing Pravda: Ethics and the Press in Post-truth Russia*. Cambridge, UK e New York, NY: Cambridge University Press, 2017.
- SAFIEDDINE, Fadi; YASMIN, Ibrahim (org.). *Fake News in an Era of Social Media: Tracking Viral Contagion*. Londres e Lanham, MA: Rowman & Littlefield International, 2020.
- SCHWARCZ, Joe. *A Grain of Salt: The Science and Pseudoscience of what we Eat*. Toronto: ECW Press, 2019.
- SUMPTER, David. *Outnumbered: From Facebook and Google to Fake News and Filter-bubbles: The Algorithms that Control our Lives*. Londres: Bloomsbury Sigma, 2018.
- TODOROV, Tzvetan (org.). Recherches sémiologiques le vraisemblable. *Communications*, n. 11, 1968. p 1-167. Disponível em: [https://www.persee.fr/issue/comm\\_0588-8018\\_1968\\_num\\_11\\_1](https://www.persee.fr/issue/comm_0588-8018_1968_num_11_1) Acesso em: 04 nov. 2021.
- VAN DIJK, Jan; HACKER, Kenneth. *Internet and Democracy in the Network Society*. Londres, UK e New York, NY: Taylor and Francis, 2018.
- VIOLARIS, Elena. The Semiotics of Emoji: Infinite Jest and the Yellow Smiley Face. *Critique: Studies in Contemporary Fiction*, v. 61, n. 2, 2020. p. 193-205. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00111619.2019.1703634>. Acesso em: 05 nov. 2021.
- ZIMDARS, Melissa; MCLEOD, Kembrew (org.). *Fake News: Understanding Media and Misinformation in the Digital Age* [Information Policy Series]. Cambridge, MA: MIT Press, 2020.

---

## Fake as a virus: towards a semiotic epidemiology

 LEONE, Massimo

---

**Abstract:** The “fake” is a central element in the natural sciences, the social sciences, and the humanities. It is also fundamental in society, in the economy, in politics, and in law. Ultimately, it is the main force behind the creativity and fantasy of artists. Many studies and investigations have been devoted to the fake. However, new digital communication technologies are drastically changing the landscape. Some of the most disturbing phenomena of modern societies, from ‘post-truth’ to fake news, from conspiracy theories to ‘deep fake’, originate at the crossroads between traditional inventions and new simulacrum. Conventional approaches to truth and falsehood, authenticity and simulation, fact and fiction are increasingly insufficient to deal with the new hybrids of digital communication. An unprecedented synergy between the natural and social sciences, academics and social stakeholders, researchers and artists is necessary to assess the changing role of counterfeiting in contemporary societies. The article proposes a new framework of semiotic epidemiology of culture for the study of false in contemporary digital societies, considering the false as a sort of “epidemiological virus”.

**Keywords:** fake; semiotics; virus; epidemiology of culture.

---

### Como citar este artigo

LEONE, Massimo. O falso como vírus: uma epidemiologia semiótica. *Estudos Semióticos* [online], vol. 18, n. 2. São Paulo, agosto de 2022. p. 106-121. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

---

### How to cite this paper

LEONE, Massimo. O falso como vírus: uma epidemiologia semiótica. *Estudos Semióticos* [online], vol. 18.2. São Paulo, August 2022. p. 106-121. Retrieved from: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: month/day/year.

---

Data de recebimento do artigo: 08/02/2022.

Data de aprovação do artigo: 03/06/2022.

---

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 Internacional.

This work is licensed under a Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 International License.

